
Experiências de pesquisa na aldeia indígena trocará

Bárbara de Nazaré Pantoja Ribeiro¹

Resumo

Partindo de uma Antropologia da Experiência este estudo realiza algumas reflexões sobre as pesquisas de campo que desenvolvi para elaborar meus projetos de graduação, mestrado e doutorado—este em andamento—nos anos de 2013 a 2019 junto aos indígenas Assuriní da aldeia Trocará (Terra Indígena Trocará) localizada entre os municípios paraenses de Baião e Tucuruí. Para além de alcançar os objetivos propostos, as pesquisas contribuíram para que redes de relações fossem tecidas junto aos Assuriní, me permitindo construir entendimento sobre aquela realidade, as suas sociabilidades e os conjuntos simbólicos que permeiam suas vivências. Percebendo no mesmo sentido, o poder do campo e dos sujeitos sociais que dele fazem parte.

Palavras-chave: Povo Assuriní; aldeia Trocará; Pesquisa de campo; interação cotidiana

Abstract

On the basis of an Anthropology of Experience, this study reflects on the field research that I developed to elaborate my graduation, master's, and doctoral projects – the latter is in progress – from 2013 to 2019 alongside the Assuriní people of the Trocará village (Trocará Indigenous Land) located between the cities of Baião and Tucuruí, in the State of Pará. Further on achieving the proposed objectives, the research contributed to establish networks of relationships alongside the Assuriní, which allowed me to build an understanding of that reality, their sociabilities and the symbolic sets that permeate their experiences. Thus, it is noticed the power of rural zone and the social individuals who are part of it.

Keywords: Assuriní people; Trocará village; Field research; Everyday interaction

¹ Professora na Secretaria Municipal de Educação de Cametá/PA. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA).
E-mail: barbaracameta@gmail.com /orcid/ 0000-0002-4550-702X

Introdução

Partindo de uma Antropologia da experiência, este trabalho realiza algumas reflexões sobre as pesquisas de campo que desenvolvi entre os anos de 2013 a 2019 junto ao povo Assuriní da Terra Indígena Trocará (TIT) localizada entre os municípios de Baião e Tucuruí no estado do Pará (mapa da TIT abaixo). Habitam essa TI atualmente cerca de 700 indígenas organizados em quatro aldeias. São elas: Ororitawa, Oimotawara, Mururitawa e a aldeia sede que recebe o mesmo nome da TI, sendo esta aldeia *lócus* deste estudo.

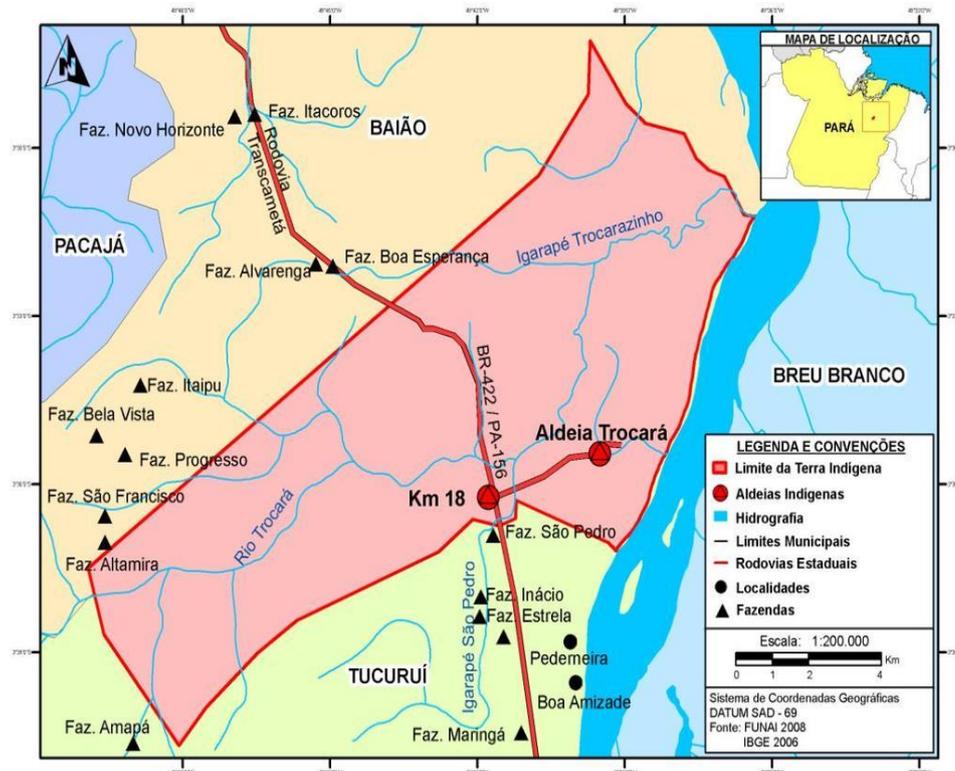


Figura 1. Mapa de Localização da TI Trocará e adjacências: Fonte: Gonçalves (2009)²

Se utilizará enquanto suporte teórico/metodológico para nortear a análise as questões apresentadas nos livros, artigos, teses e dissertações de autores/as utilizados na

²https://www.google.com/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR688BR693&sxsrf=ALeKk03ilGsCDpyUzyAQ01bYTJ8fRekatg:1628803244904&source=univ&tbm=isch&q=imagem+de+mapa+da+ti+trocar%C3%A1&sa=X&ved=2ahUKEwirwMj2tKzyAhU_p5UCHT6aAsIQ7A16BAgGEA8&biw=1242&bih=546#imgrc=hXNBQZGMyeOdXM

disciplina *Leituras sobre o fazer Etnográfico*³ ministrada pela professora Doutora Edna Ferreira Alencar⁴. Tal disciplina ao abordar diversas perspectivas para desenvolvimento da etnografia ofereceu múltiplas possibilidades metodológicas a serem exploradas enquanto subsídio teórico e conceitual para se pensar o campo de pesquisa investigado e o trabalho de campo, considerando os “encontros” etnográficos, ou seja, as interações com os sujeitos pesquisados e sua realidade cultural.

O trabalho de campo é um momento muito importante da vida do/a pesquisador/a, e tal disciplina me fez refletir sobre as pesquisas que realizei entre os Assuriní e a importância de textualizar as experiências compartilhadas dentro da aldeia com os moradores, que possibilitaram a interação com aquela realidade social, a construção de laços afetivos e, ao mesmo tempo, alcançar os objetivos propostos no desenvolvimento de meus projetos de graduação, mestrado e agora no doutorado. Como bem mostram Evans-Pritchard (1978), Cardoso de Oliveira (1998), Stocking Jr. (1992), Wolf (2003) e Peirano (2014), a renovação teórica da Antropologia ocorre quando se vai a campo, para isso não existe um roteiro pronto, sendo necessário que se busque a partir da produção teórica existente testar conceitos para colocar em evidência essa renovação conceitual, analítica e também metodológica sobre um tema ou a história de um povo.

Evans-Pritchard (1978:245) diz que a primeira exigência para realizar uma pesquisa de campo é fazer um treinamento rigoroso sobre a teoria antropológica que dê noção sobre o que se pode observar e possua significância teórica. Para Wolf (2003:346) a pesquisa de campo depende da teoria e, ao mesmo tempo, é o que a alimenta e a substancia para elaboração de novas ideias, propostas, questões e hipóteses.

Cardoso de Oliveira (1998:16) ao falar sobre o trabalho do/a antropólogo/a, considera a existência de três etapas: olhar, ouvir e escrever. Se atentando especificamente a primeira etapa, reforça a necessidade do treinamento do olhar, justificado por um aparato teórico para que se realize pesquisa etnográfica, só assim é possível conhecer a realidade, obter informações e interação metodológica com os sujeitos de pesquisa, evitando julgamentos, preconceitos e estereótipos. Essa primeira fase dará base para as duas seguintes: o ouvir e o escrever.

³ Essa disciplina acadêmica compôs a grade curricular do PPGA/UFPA no segundo semestre de 2020, sendo realizada de maneira remota entre os meses de outubro a dezembro.

⁴ Professora do PPGA/UFPA e minha orientadora no curso de doutorado desta instituição.

Os conceitos, métodos e categorias analíticas já traçadas e postas sobre o “fazer etnográfico” é o que dará suporte para a realização da pesquisa empírica, assim como para que conceitos sejam testados (Strathern (2017:315) e margeiem a proposta do trabalho. No entanto, o campo não está imóvel, passa por mudanças assim como as estratégias para se conseguir alcançar os objetivos propostos, sendo necessário que se atente como sugere Peirano (2014:383) não apenas ao que está sendo dito, mas aos não ditos, aos gestos, movimentos, silêncios, entendendo esse momento etnográfico enquanto “empreendimento teórico, já que segundo a autora a etnografia não é apenas um método, mas também teoria, sendo as estratégias usados pelos pesquisadores que darão sentidos a pesquisa e possibilidades em acessar o mundo social e simbólico do povo pesquisado”.

Com base nessa discussão sobre os momentos etnográficos busco, por meio das experiências das pesquisas desenvolvidas junto ao povo indígena Assuriní, das interações, construções afetivas, intermediações e estratégias utilizadas evidenciar os caminhos percorridos dentro da aldeia e as relações construídas com os moradores dentro de suas redes de sociabilidade enquanto fatores que permitiram, para além da pesquisa que resultou na monografia de graduação, traçar os objetivos da proposta de pesquisa atualmente desenvolvida para elaborar a tese de doutorado. Assim, a revisão das informações coletadas nas diferentes atividades de pesquisa substanciou essa proposta de trabalho.

O Campo de pesquisa: tecendo relações.

O projeto que realizo para elaborar a tese de doutorado tem como objetivo analisar quais os lugares ocupados pelos indígenas que mantêm relações afetivos-sexuais com pessoas do mesmo sexo na aldeia Trocará. Contudo, para situar o contexto da atual pesquisa sobre diversidade sexual entre os indígenas Assuriní, devo me reportar a um momento de minha primeira viagem de campo para que se compreenda os interesses sobre o tema que busco desenvolver atualmente. Dito isto, este trabalho parte de uma reflexão relacionada à antropologia da experiência intencionando apresentar as interações que estabeleci com os Assuriní que me levam a refletir sobre a importância das pesquisas de campo realizadas entre eles e sua implicação para trançar as redes de sociabilidade e a construção dos objetivos da pesquisa atual, buscando de maneira crítica

reduzir o distanciamento e a própria demanda pela objetividade, considerando as subjetividades existentes nesta relação.

Brunner (1986), Rosaldo (1986) e Eckert (2012) nos levam a refletir sobre os desafios e a importância de narrar e textualizar as experiências vividas em campo a partir das interações estabelecidas com os interlocutores da pesquisa e os significados inerentes as suas vivências, interpretando e aprendendo sobre seu modo de vida, a organização social e o processo cultural a partir de suas expressões. Para Brunner (1986:3) é a partir das expressões que podemos acessar, mesmo que superficialmente, os sentidos da vida interior de outras pessoas - neste caso os interlocutores de pesquisa - e apropriar experiência vivida.

Minha inserção no universo social Assuriní ocorreu em fins do ano de 2013 enquanto aluna do curso de história iniciando a pesquisa para a elaboração de minha monografia de Conclusão de Curso⁵ sobre as inserções da religiosidade cristã dentro da aldeia Trocará e suas influências sobre os ritos e credos assuriní. Apesar de ter realizado leituras teóricas sobre questões indígenas no Brasil esse era o primeiro contato empírico com os interlocutores e com um contexto étnico, o que provocou sentimentos de ansiedade e preocupação em adentrar aquele lugar, ser aceita pelo grupo e conseguir compreender e interpretar seus modos de vida.

Neste sentido, como bem mostra Berreman (1975:140), toda situação de interação social implica no controle de impressões, buscando controlar a imagem que se quer passar para o grupo pesquisado e poder ser aceito em seu meio. Para o autor é inevitável que ao chegar a campo todo/a pesquisador/a se veja confrontado/a diante de sua apresentação ao grupo que pretende conhecer e pesquisar. Assim, os primeiros momentos são marcados pelas apresentações e pelas impressões que passam e buscam transmitir.

Na aldeia Trocará não foi diferente, mesmo estando ali na companhia de outras pesquisadoras já experientes e que conheciam aquela realidade, que intermediaram as apresentações e proximidades com os moradores, era necessário encontrar maneiras

⁵ Monografia apresentada à faculdade de História da Universidade Federal do Pará Campus de Cametá em abril de 2014 com o tema: “A crença na Sawara e a inserção de credos não indígenas entre os Assuriní do Trocará” sob orientação da professora doutora Benedita Celeste de Moraes Pinto. RIBEIRO, Bárbara de Nazaré Pantoja. 2014, “A crença na Sawara e a inserção de credos não indígenas entre os Assuriní do Trocará”. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Pará.

para dialogar intimamente com eles, por isso, passei a frequentar os lugares de sociabilidade Assuriní buscando essa aproximação, estreitar relações e “transmitir impressões” que proporcionasse confiabilidade em mim e nas minhas intenções de pesquisa. Os lugares escolhidos para isso foram: o campo de futebol e o centro cultural⁶. Esses lugares são os espaços de convivência mais frequentados pelos Assuriní e onde temos acesso a informações e expressões que ajudam a compreender essa realidade social

O campo de futebol localiza-se no centro da aldeia, recebe um público mais jovem e se consolida como local importante de interação e lazer. As partidas de futebol ocorrem geralmente no período da tarde e independente de quem esteja jogando-times de homens ou mulheres- sempre há público expressivo nas proximidades do campo para assistir as partidas, se distrair, brincar e conversar. Nesse momento de descontração é possível acessar informações importantes para compreensão dessa realidade, das sociabilidades assuriní e ao mesmo tempo conseguir interagir com os moradores.

O centro cultural da aldeia recebe um público maior - crianças, jovens, adultos e idosos. Neste local são realizados os ensaios das danças, dos cantos, as apresentações culturais da escola indígena, as reuniões dos moradores e lideranças locais, aulas de língua materna assuriní, oficinas promovidas pelos professores da escola, palestras realizadas pelos profissionais de saúde e os encontros dos jovens para conversar a noite. É também neste espaço que as lideranças escolhem para conversar geralmente quando solicitadas pelos pesquisadores.

Frequentar esses lugares para além das atividades de pesquisa foi essencial para conseguir obter maiores informações referente ao cotidiano, construir laços e sobre as próprias práticas tradicionais dessa sociedade. De acordo com Berreman (1975:140) o etnógrafo também molda o seu comportamento para transitar pelos diversos lugares e conseguir a confiança de mais interlocutores possível, cuidando ao mesmo tempo para não ameaçar sua estadia juntamente aos moradores. Por meio do controle de impressões e das estratégias usadas é possível acessar as “regiões interiores” da aldeia para compreender seus modos de vida.

⁶ O centro cultural é um espaço de interação situado no centro da aldeia Trocará: um prédio que contém pátio para as apresentações culturais, salas para as reuniões das lideranças e que comportam aulas vinculadas a escola da aldeia ou ao curso de licenciatura intercultural da Universidade Estadual do Pará. Recebeu o nome de uma indígena muito influente junto aos Assuriní; Teapykawa Assuriní.

Ao interagir nestes lugares e conversar com as pessoas que o frequentam fui construindo laços que me auxiliaram a obter informações para a construção não apenas daquele primeiro plano de pesquisa, mas também dos outros projetos futuros - mestrado e doutorado. Contudo, ao contrário da pesquisa de Berreman (1975:140) que se deteve em um grupo fortemente estratificado, fechado e com pouca interação com pessoas estranhas por uma série de fatores internos que dificultaram sua pesquisa, entre os Assuriní por mais que existam assuntos restritos e segredos compartilhados somente pelos moradores, há abertura para que pesquisadores adentrem a aldeia e consigam acessar informações importantes nas diferentes esferas da vida social, política e cultural desse grupo. Estes fatores foram essenciais e contribuíram para o acesso a esses locais de sociabilidade.

Ademais, as relações de proximidade construídas com alguns interlocutores foram fundamentais principalmente porque se propuseram a intermediar minha inserção no universo social e simbólico assuriní e, conseqüentemente, me aproximaram da coletividade. Essas relações foram importantes mecanismos de construção de afetividade e aceitação pelos moradores dos integrantes do Grupo de Pesquisa HELRA⁷, refletindo no episódio que marcou o nosso último dia de pesquisa na aldeia quando um número expressivo de moradores se reuniu no centro cultural para se despedirem de nós. As lideranças agradeceram pela escolha da aldeia como *lócus* de pesquisa e reforçaram a importância dos trabalhos produzidos sobre a história, cultura, (re) existência e saberes socioculturais assuriní.

Para eles a abertura para as pesquisas/pesquisadores na aldeia são formas encontradas para expor as mazelas sociais que vivenciam em seu cotidiano nas esferas educacionais, culturais, na saúde, e no respeito a seu território, assim também, auxiliam para visibilidade de suas lutas, protagonismo e resistências. Neste sentido, para os

⁷ Na pesquisa em questão os integrantes do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagens na Região Amazônica (HELRA) a qual estava vinculava e que tem como líder a professora Doutora Celeste Pinto, desenvolviam três Trabalhos de Conclusão de Curso em História na aldeia Trocará. O meu cujo tema proposto era “A crença na Sawara e a inserção de credos não indígenas na aldeia Trocará. O Trabalho de Fátima Nunes “Educação indígena: um portal para conhecer o outro, História, Identidade e Saberes da Comunidade Indígena Assuriní” e o trabalho de Ueliton de Sousa “História, costumes e mudança alimentar do povo indígena Assuriní da reserva Trocará, município de Tucuruí, Pará, 1990 a 2010”. Nessa ocasião Gorete Procópio entregou também sua monografia de conclusão de curso em pedagogia intitulada “Educação escolar indígena na Amazônia: uma abordagem histórica sobre os desafios, avanços e perspectivas na escola Wararaawa Assuriní”.

Assuriní o engajamento dos pesquisadores é importante e se assemelha ao que Bruce Albert (2014:134) traz sobre o fato das populações indígenas exigirem uma agência de retorno das pesquisas e dos pesquisadores, principalmente como auxílio nas principais políticas sociais que buscam alcançar.

Para Albert (2014:129) não se pode realizar o trabalho de campo atualmente nos moldes propostos por Malinowski quando a objetivação dos sujeitos estava em evidência. No caso dos povos indígenas no Brasil, assumem não mais posição de “objetos” de estudos, mas protagonistas de sua própria história frente as demandas sociais, políticas e culturais perante o Estado, exigindo ao mesmo tempo ativismo dos pesquisadores para que contribuam de forma engajada e comprometida nessas demandas.

A reunião final promovida pelas lideranças assuriní mencionada acima intencionou firmar esse compromisso, aliança e ativismo. Refletiu também neste momento os laços afetivos construídos no decorrer da pesquisa, distanciando novamente as premissas antropológicas que conceitua o campo de pesquisa enquanto produto para a objetivação. As relações são intensas e as interações estão para além dos próprios controles dos pesquisadores, como evidencia Bourdieu (2006:83) a objetivação passa pela subjetivação. Sendo impossível não ocorrer envolvimento com todo cenário cultural e social que ali estávamos interagindo. Para o autor a objetivação dos sujeitos em campo, não se reduz a examinar apenas a experiência vivida, mas envolve a análise das condições sociais de possibilidade dessa experiência, considerando o que ali foi experienciado enquanto recurso analítico e produto epistêmico e existencial.

Na volta para minha cidade, ao refletir tudo que vivenciei em campo pude experimentar uma sensação de deslocamento da minha realidade que para Kelly Silva (2005: 14) trata-se do “poder do campo” sentido pelo/a pesquisador/a quando faz um deslocamento cultural ou geográfico. Ao retornar para sua vida longe do campo, há a necessidade de reconstrução de um lugar já que se situa entre o estar lá e o estar aqui. Para ela, “a volta implica tomar a consciência da descontinuidade entre o que deixamos uma vez em “nosso” mundo e posteriormente no campo e aquilo que temos que reconstruir quando dele voltamos”.

Essa primeira pesquisa entre os Assuriní apesar de ser de curta duração foi fundamental para chegar nos objetivos propostos, como também para tecer as redes de

relações que me possibilitaram adentrar posteriormente outros lugares na aldeia e acessar outros interlocutores nos projetos de mestrado e agora no doutorado. A partir de um “encontro etnográfico” posso dizer que o tema do projeto de doutorado sobre diversidade sexual começou a ser construído nesse momento, assim como, as possibilidades em desenvolvê-lo.

Chegando ao tema da diversidade sexual entre os Assuriní

No segundo dia na aldeia Trocará, quando juntamente aos demais membros do Grupo de Pesquisa estávamos no processo de apresentações e explicação dos nossos objetivos para os moradores e lideranças locais, ao voltarmos para o alojamento que estávamos abrigados, encontramos um morador que fugia de todas as normas ainda atribuídas socialmente aos povos indígenas e que busca padronizar sua identidade étnica, segundo Fernandes (2019:23) tais normas modelam os indígenas de acordo com uma visão colonial, os designando sem agência e a-históricos.

Esse indígena que chamarei de Pacajá, se diferia de todos os padrões que ainda se fazem presentes na historiografia indígena. Era um jovem Assuriní na faixa etária de 18 anos, usava shorts e blusas que socialmente são vestimentas atribuídas como de mulheres. Seu cabelo era comprido com tons vermelho acobreado e suas unhas estavam pintadas com esmaltes em um tom azul celeste. Ele chegou no núcleo central da aldeia em uma moto acompanhado de outra jovem da mesma faixa etária.

Pelo meu desconhecimento na época sobre a temática da diversidade sexual em contextos indígenas, quando o avistei em um primeiro momento pensei que não era indígena e estivesse na aldeia de passagem. Esse pensamento, segundo Fernandes (2019:24) se consolida no meio social, como se os indígenas devessem seguir um padrão e características que legitimasse sua pertença étnica, tudo que difere desse ideário instantaneamente os designa como fora da cultura ou como se não pertencessem àquele contexto étnico.

Contudo, à medida que houve uma maior interação na aldeia, me aproximei muito de Pacajá, que se tornou um interlocutor fundamental daquela pesquisa. A partir de suas mediações pude acessar lugares dentro da aldeia que não seria possível naquele primeiro momento sem suas articulações, como as visitas a algumas residências de idosos que detinham conhecimento de práticas tradicionais assuriní que dão sentidos aos rituais

tradicionais desse povo e a simbologia que está envolvida em sua realização como na *festa do jacaré, festa do mingau* e ritual da *tukasa*, sendo este último o ápice para preparação do indígena para tornar-se pajé.

Assim, por sua intermediação comecei a acessar os lugares mais restritos de sociabilidade como os ensaios das apresentações culturais -as danças e cantos tradicionais-, as organizações dos eventos de instituições atuantes ali dentro como a escola e a unidade básica de saúde indígena (UBSI) e as próprias reuniões de moradores e lideranças. A partir disto, foi sendo construído também laços de amizade que se estreitaram no decorrer dos dias de realização dessa primeira pesquisa. Pacajá foi um informante fundamental não apenas para situar sobre as interações cotidianas e as redes de sociabilidade tecidas na aldeia, mas também, por deter saberes sobre as próprias práticas culturais tradicionais dos Assuriní.

Esta relação e os percursos transitados por intermédio deste interlocutor expressam a importância de se ter um informante principal ou nos termos de Foote-Whyte (2005:50) um informante chave, que facilite o acesso aos lugares de interação do povo pesquisado. Além de ser intermediador nas conversas, nas entrevistas, orientando onde entrar e como se portar para conseguir chegar à objetivação proposta, possibilitando aproximação e o distanciamento necessário.

A partir dele, das conversas que tivemos e da observação realizada no cotidiano assuriní, tive acesso a outras pessoas que também vivenciavam a experiência da diversidade sexual dentro da aldeia, gerando neste sentido, maior interesse em entender quais lugares esses sujeitos ocupavam ali dentro e quais tratamentos recebiam pelos demais moradores, em virtude que mesmo sendo equivocada, era inevitável que fizesse comparações entre os contextos étnicos que pesquisava e os quais eu fazia parte, no qual, diariamente tinha acesso a notícias sobre casos de preconceitos e homofobia sofridos por pessoas com experiências sexuais para além da heterossexual.

Naquele momento posso dizer que foi mais por “curiosidade” que dei atenção ao tema da diversidade sexual, mas que se intensificou a partir da observação da realidade assuriní, dos interlocutores que tive posteriormente acesso, dos laços de afetividade construídos com Pacajá que se tornou um grande amigo. Sobretudo por conhecer sua trajetória de vida na aldeia enquanto um indígena que vivencia a experiência da

diversidade sexual, os desafios, as descobertas e as interações cotidianas. Fatores que me levaram a temática e afetaram a medida que comecei a transitar aquela realidade.

Esses interesses sobre o tema, me remetem ao trabalho de Favret-Saada (2005:159) ao mostrar as noções de afetamento como característica central do trabalho de campo a partir da experiência em habitar “outro” lugar e ser atingida por essa realidade. A autora coloca em questão a importância da subjetividade presente no campo e o quanto isto pode interferir na realização e experiência da pesquisa. Isso não significa estabelecer uma intimidade excessiva com os sujeitos pesquisados ou imaginar estar em seu lugar, mas de estar nesse lugar, ser habitado por ele e experimentar suas intensidades.

Em 2015 quando iniciei a pesquisa de mestrado na aldeia Trocará, focando em analisar a atuação das mulheres indígenas nos diferentes contextos de interação cotidiana assuriní, Pacajá foi muito importante para a realização da pesquisa, contribuindo para que pudesse conseguir acessar o universo dessas mulheres, principalmente das mais jovens que por vezes não demonstravam aberturas para as conversas e entrevistas. Ao intermediar meu acesso a elas pude acompanhá-las em suas rotinas e lugares que transitavam, como as atividades diárias e os momentos de lazer e descontração.

Entre 2015 e 2016 realizei várias viagens até a aldeia Trocará para conseguir informações para o trabalho em questão, o que possibilitou do mesmo modo maior visão analítica sobre as vivências Assuriní e as relações sociais, políticas, culturais e as relações afetivo-sexuais dentro da aldeia. Foi perceptível então verificar com maior frequência a existência de casais constituídos entre pessoas do mesmo sexo percorrendo as mediações da aldeia e presentes em lugares como o campo de futebol, os caminhos de acesso as residências e conversando a noite no centro cultural, mesmo que suas relações fossem discretas e em muitos casos se apresentassem apenas como amigos.

Esses fatores contribuíram para aumentar meu interesse pela temática da diversidade sexual, mesmo me atendo ao tema de mulheres Assuriní comecei a analisar também como pessoas que mantinham relacionamentos afetivos-sexuais com outras do mesmo sexo eram tratadas ali e quais lugares ocupavam na aldeia. Inicialmente fui percebendo que eram várias pessoas que se apresentavam enquanto “homossexuais” e que em um primeiro momento poderia se dizer que recebiam os mesmos tratamentos atribuídos a todos os outros moradores, participavam dos eventos culturais, das

interações diárias e ocupavam posição de destaques nas organizações de eventos promovidos dentro da aldeia.

Porém, foi perceptível as “piadas” e “brincadeiras” jocosas que em muitos casos são presenciáveis em contextos urbanos, usados enquanto mecanismos para inferiorizar e provocar constrangimentos às pessoas que diferem das normas heterossexuais, entre as quais estão o uso de termos como “viadinho”, “bichinha” ou “sapatão” nos lugares de interação cotidiana. Notava-se que era mais comum o uso desses mecanismos por pessoas que tinham maior acesso aos contextos urbanos e que já haviam morado em cidades como Tucuruí, Marabá e Belém. Isso não significa que os demais moradores fossem alheios aos acontecimentos externos, mas devido a intensa interação com a cidade muitos valores morais propagados em tais ambientes foram internalizados e reproduzidos na aldeia.

Todos esses fatores percebidos nessas pesquisas, retomaram os interesses que foi despertado ainda na graduação e na primeira pesquisa feita junto aos Assuriní, por isso, no final de 2016 quando realizei a última pesquisa para a finalização da dissertação de mestrado, comecei a dar enfoque sobre o tema da diversidade sexual, realizei algumas conversas informais com alguns interlocutores e com Pacajá realizei uma breve entrevista para ter maior dimensão do campo e das possibilidades de análise.

Ao perceber que era um tema que sofria restrições, mas que possuía grande propensão de análise, elaborei o projeto de ingresso ao doutorado, no entanto, pouco ainda dominava de teoria sobre a temática e como trabalhar na perspectiva da Antropologia, o que contribuía para que fizesse sobreposições de valores do espaço ocidental para a realidade étnica e ao mesmo tempo enrijecendo uma discussão importante. A partir do arcabouço teórico encontrado principalmente nas disciplinas cursadas no decorrer dos semestres do Programa de pós-graduação em Antropologia (PPGA/UFGA), comecei a ter contato com uma literatura mais ampla sobre diversidade sexual em contextos indígenas, contribuindo para repensar questões e continuar desenvolvendo o projeto dentro da aldeia Trocará.

Fator este, que mostra a importância da teoria para o processo de reordenamento de objetivos e para poder ir a campo com maior propriedade em desenvolver as atividades propostas. Neste sentido, é importante ter uma formação teórico-metodológica para adentrar em campo como proposto por Malinowski em *Argonautas do Pacífico*

(1978:30-31) ao mencionar que o etnógrafo tem que se atentar a todos os detalhes, se inspirar nos detalhes mais recentes dos estudos científicos, nos princípios e objetivos. Isso significa que deve evitar ideias preconcebidas que contribuam para que seu trabalho seja inútil. A teoria deve ofertar base para atuar naquele espaço, porém jamais servir como norma e objetividade para a pesquisa, já que muitas nuances serão encontradas. Os estudos teóricos devem servir para que problemas sejam levantados e são esses problemas que funcionam como equipamento para a pesquisa de campo.

No mesmo sentido Evans-Pritchard (1978:244-245) diz que é preciso ter um treinamento sistemática em antropologia social acadêmica para ir a campo, para saber o que vai focar ali e o que de fato se quer saber. Tem que haver preparação, estudo, embasamento teórico já que é a partir dos estudos que se faz sobre os temas diversos que dará sustentáculo para sua pesquisa. Da mesma forma, há essa necessidade de revisar os dados de campo e perceber o que foi percebido antes e depois com o olhar treinado e imerso em teoria, já que o trabalho de campo se consolida a partir do que foi levado teoricamente para ele, diferenciando de um olhar leigo e preconceituoso.

Para Peirano (2014:381), o método etnográfico não segue uma ordem definida, não acontece em um espaço abstrato e fechado. A teoria se aprimora a partir dos confrontos com os dados novos, pelas experiências de campo e os resultados que se chega a partir das análises de campo, resultando em uma "invariável bricolagem intelectual". A autora completa que mesmo que os métodos se reconfigurem, mas sua natureza sempre estará atrelada aos métodos antigos e todo/a antropólogo/a ao se dedicar em um tema contribui para algo novo, está reinventando e repensando a disciplina.

Diante disto, apesar das muitas dúvidas e incertezas pela dificuldade em relacionar e transpor conceitos sobre a temática da diversidade sexual referente a contextos indígenas. Analisando essa primeira experiência de campo atualmente consigo compreender que foi ali que os interesses pelo tema começaram, as primeiras indagações foram geradas e consequentemente o intuito de responde-las, contudo, a partir da reinterpretação dos fatos e o uso de suportes teóricos-metodológicos consigo me dá conta que esses primeiros momentos foram fundantes para elaboração dos objetivos que se pretende desenvolver para esse trabalho sobre diversidade sexual entre os indígenas Assuriní da aldeia Trocará.

A pesquisa sobre diversidade sexual na aldeia Trocará

A partir das redes de relações construídas com os interlocutores, houve maior acessibilidade a aldeia Trocará para realizar a pesquisa de doutorado no segundo semestre de 2019. No entanto, é importante mencionar que isso não significa que tenho acesso a totalidade da aldeia, há grupos diversos internamente que nem sempre compartilham as mesmas ideias e/ou interesses, por isso, fiz um mapeamento e seleção dos interlocutores.

A aldeia Trocará é o *locus* de pesquisa, contudo, os interlocutores serão alguns moradores mais idosos, lideranças locais e os indígenas que vivenciam a experiência da diversidade sexual e mantêm relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo, destes últimos foram selecionados seis para o desenvolvimento das análises de pesquisa sobre o tema. Principalmente por se disporem a conversar e permitirem que eu acompanhasse seu cotidiano e trajetória dentro da aldeia.

Como combinado com os interlocutores previamente, por questões éticas assumirão no trabalho pseudônimos, buscando salvaguardar suas identidades evitando formas de constrangimento e exposição no contexto da aldeia e fora dela, já que a temática da diversidade sexual ainda percorre lugares de silenciamentos e das próprias moralidades infundidas internamente na aldeia a partir das igrejas cristãs e das interações com as práticas ocidentais.

Das seis pessoas interlocutoras dessa pesquisa apenas uma se reconhece enquanto do sexo feminino, a quem atribui o codinome Mupi, e se afirma como mulher lésbica. Devido aos traumas e repressões familiares foi a que tive maior dificuldade para conversar. Seu receio era que ao expor sua sexualidade poderia gerar desconforto a seus pais que não aceitam sua orientação sexual. Por isso, Mupi apenas se relaciona com outras mulheres fora da aldeia, mantendo relacionamentos heterossexuais na aldeia para não “levantar suspeitas” de sua família e provocar conflitos em sua casa como já ocorreu em outros momentos.

Os outros cinco interlocutores com faixa etária que varia de 17 a 39 anos, são: Pacuí, Cupijó, Pacajá, Cají e Guajará. Dos cinco, dois se afirmam “gays e homossexuais” e três “bissexuais” e se apropriam das categorias ocidentais sobre orientações sexuais para falarem de suas sexualidades, fator este justificado pela forte interação Assuriní com o

contexto urbano, principalmente a cidade de Tucuruí localizada apenas 23 Km da aldeia Trocará.

Pelo fato de já possuir uma relação com eles construída durante as pesquisas anteriores, sendo dois deles grandes amigos meus, desde que apresentei meu projeto de pesquisa eles se dispuseram a contribuir com a pesquisa e para entender como são suas atuações, vivências e interação com os demais moradores da aldeia.

Embora suas trajetórias sejam diferentes, em muitos pontos se assemelham. Sendo recorrente em suas falas ressaltar a liberdade que tem para transitar em diferentes lugares da aldeia, sempre deixando evidente que não sentem-se coagidos, limitados ou impedidos de percorrer algum lugar ou atividades tradicionais como os rituais e eventos culturais, da mesma forma dizem que as manifestações de constrangimento promovidas por alguns moradores devido suas sexualidades, não passam de “brincadeiras” e que não chega a ser classificado como preconceito, homofobia ou outra forma de depreciação em relação as orientações sexuais de cada um.

Porém, percebe-se em suas falas e nas próprias expressões diante destes episódios que sentem-se incomodados com tais atitudes, mas que por primarem pelo coletivo evitando atribuir aos Assuriní um título de povo preconceituoso e que não aceita a diversidade sexual de seus moradores, acabam não expressando esse incomodo em suas falas. No mais, foi perceptível ao transitar as sociabilidades assuriní que as pessoas que se declaram enquanto homossexuais e que mantém relacionamentos afetivos-sexuais com outras do mesmo sexo, estão inseridas sem nenhuma distinção aos demais nas atividades cotidianas e lugares de convivência como o campo de futebol, o centro cultural, os ensaios culturais, nos eventos promovidos dentro da aldeia, da mesma forma, participam ativamente dos rituais e festas tradicionais quando estas são realizadas.

No entanto, acabam sofrendo algumas limitações como foi possível verificar em conversas com lideranças, no qual confidenciaram que por interferência das lideranças mais velhas e dos próprios caciques são limitados a participarem de movimentos de resistência fora da aldeia, como as manifestações e reivindicações por direitos frente a órgãos governamentais como a FUNAI ou a prefeitura municipal de Tucuruí, tais limitações ocorrem por acreditarem que esses indígenas possam desacreditar as demandas firmadas pelos Assuriní devido as cargas de preconceito que os homossexuais sofrem no contexto urbano.

Considerações finais.

O trabalho de campo como bem mostra Silva (2005:2) é um dos rituais de passagens mais esperados do processo de formação do/a pesquisador/a, por ser um momento que se depara com os desafios de interpretar os sentidos da alteridade, das construções de relações e viver outros possíveis modos de existências a partir dos deslocamentos que fazemos sejam eles geográficos ou culturais. É durante o trabalho de campo também que percebemos o quanto as relações desempenhadas e vivenciadas com os “nativos” em campo influenciam diretamente no self do/a pesquisador/a.

Neste sentido, considerando a importância do trabalho de campo, trago no decorrer deste texto a partir de uma Antropologia da experiência, algumas experiências vivenciadas juntamente aos indígenas Assuriní da Terra Indígena Trocará no período de 2013 a 2019 quando desenvolvi respectivamente as pesquisas como parte de projetos para elaborar minha monografia de graduação, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado- está em andamento. Além de alcançar os objetivos propostos nos projetos as pesquisas de campo permitiram compreender o ponto de vista do “outro”, seus modos de vida e as intersubjetividades. Percebendo que para além das objetivações, ocorre as interações subjetivas com as pessoas que nos relacionamos, fatores que nos moldando a partir das experiências e das relações constituídas em campo.

Desta forma, o trabalho de campo vai muito além da objetivação, passa pelas relações constituídas com o grupo e, principalmente, com os interlocutores que aceitam conceder muito mais do que entrevistas, mas informações que te levem a construir a proposta de seu trabalho e pensar campos e temas outros dentro das intersubjetividades presentes durante as interações manifestas neste período. Fatos ocorrido na aldeia Trocará, a partir da primeira pesquisa desenvolvida entre os Assuriní em 2013 e das relações construídas nesse período com os interlocutores foi se constituindo os objetivos propostos para a dissertação de mestrado e também para a tese de doutorado sobre diversidade sexual desenvolvido atualmente nesta aldeia, intencionando analisar os lugares ocupados pelos indígenas que experienciam a diversidade sexual, nas diferentes esferas das relações assuriní sejam em suas sociabilidade e/ou nas práticas tradicionais.

Agradecimentos

Agradeço aos Assuriní da aldeia Trocará, pela acolhida, parceria, amizade e por permitirem-me acessar seu cotidiano e simbologias no decorrer dos últimos sete anos. Agradeço também à professora Doutora Edna Ferreira Alencar, pela leitura, comentários e considerações feitas neste trabalho.

Referências bibliográficas

ALBERT, Bruce. 2014. “*Situação Etnográfica*” e Movimentos Étnicos. *Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano*. Revista CAMPOS, v. 15 (1): 129-144.

BERREMAN, Gerald D. 1975. “*Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia*”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar, org. *Desvendando máscaras sociais*, pp. 123-174. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

BOURDIEU, Pierre. 2006. *La objetivación participante*. Apuntes de investigación del CECYP, n° 10, pp. 87-101.

BRUNNER, Edward M. 1986. *Introduction; “Ethnography as narrative”* In: Turner, V.; Brunner, E. (eds.) *The anthropology of experience*, pp.01-19. University of Illinois Press.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. “*O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*”. In: *O Trabalho do Antropólogo*, pp. 17-35. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP.

ECKERT, Cornélia. 2012. *Tempos de narrar: relato de uma pesquisa etnográfica na França*. IN: ECKERT, C. *Memória e Trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe)*, pp. 91-106. Curitiba: Apris.

EVANS-PRITCHARD, Edward. 1978. “*Apêndice IV: Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo*”. In: *Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande*, pp. 298-314. Rio de Janeiro: Zahar.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “*Ser afetado*”. *Cadernos de Campo*, n°13: 155-161.

FERNANDES, Estevão. 2019. “*Existe índio gay?*”: *a colonização das sexualidades indígenas no Brasil*. 2ª ed. Curitiba: Brazil Publishing.

FOOTE-WHITE, William. 2005. “*Introdução: Corneville e sua gente*”; “*Cap I, Doc e os rapazes*”. In: FOOTE-WHITE, W. *Sociedade de esquina*, pp. 19-72. Rio de Janeiro, Zahar.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. “*Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa*”. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, pp.17-34. São Paulo: Abril Cultural.

PEIRANO, Mariza. 2014. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, vol. 20, n. 42, Porto Alegre: PPGAS-UFRGS. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>; acesso em 15/08/20

ROSALDO, Renato. 1986. *Ilongot Hunting as Story and Experience*. In: Turner, V.; Bruner, E. (eds.) *The anthropology of experience*, pp.97-138. University of Illinois Press.

SILVA, Kelly C. da. 2005. *O poder do campo e o seu campo de poder*. UNB-DAN. SÉRIE ANTROPOLOGIA 385. <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie385empdf.pdf>; acesso em 10/09/20.

STOCKING JR, George W. 1992. "Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski" In: STOCKING JR, George W. *The ethnographer's magic and other essays in the history of anthropology*, pp. 276-341. The University of Wisconsin Press.

STRATHERN, Ann Marilyn (1941-). 2017. *O Efeito etnográfico e outros ensaios*: tradução: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa valentini, São Paulo: Ubu Editora.

WOLF, Eric. R. 2003. "Trabalho de campo e teoria" In: FELDMAN-BIANCO, Bela & RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs). *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*, pp.345-360. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da Unicamp.